

## **A Colônia Santa Isabel visitada por Fritz Müller, um dos maiores naturalistas mundiais do século XIX**

**Lauro Eduardo Bacca<sup>1</sup>**

### **Introdução**

Um dos três maiores naturalistas mundiais do século XIX visitou e fez coletas botânicas em vasta extensão da Colônia Santa Isabel – município de Águas Mornas e Rancho Queimado, Santa Catarina. Este foi Johann Friedrich Theodor Müller, ou, simplesmente, Fritz Müller.

Filho mais velho do pastor Johann Friedrich Müller, Fritz Müller nasceu no povoado de Windischholzhausen, próximo à Erfurt, na Turíngia, Alemanha, no dia 31 de março de 1822. Seus irmãos eram, pela ordem de nascimento, Charlotte, August, Rosine (sua irmã preferida), Hermann, também conceituado naturalista, Luise e Ludwig – este falecido ainda em tenra idade. A mãe era da tradicional família Trommsdorf, de grande conceito nos meios intelectuais e científicos da época (MÖLLER, 2022). Nos seus estudos e estágios teve a oportunidade de aprender com renomados instrutores e mestres, o que lhe conferiu sólida formação acadêmica e científica. Diplomou-se em Filosofia (Matemáticas e Ciências Naturais, com ênfase em Zoologia) na Universidade de Berlin em 1844, e concluiu

---

<sup>1</sup> O autor é graduado em História Natural pela FURB em Blumenau, especialista em Ecologia pela UFRGS e mestre em Ecologia pelo INPA / Universidade Federal do Amazonas. Foi gestor do Museu Fritz Müller, professor aposentado da FURB, Secretário de Meio Ambiente de Blumenau, gestor do Parque Ecológico Artex (5.296 ha), hoje inserido no Parque Nacional da Serra do Itajaí, vereador, fundador e primeiro presidente da Acaprena, ONG ambientalista mais antiga de Santa Catarina, coordenador do Comitê Estadual da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, associado fundador da Associação RPPN Catarinense e proprietário da RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural) Bugerkopf em Blumenau, onde reside. Em 2023, membro dos Conselhos Municipal (Blumenau), estadual e nacional de meio ambiente. Contato: [laurobacca@gmail.com](mailto:laurobacca@gmail.com)

todo o currículo de Medicina na Universidade de Greifswald em 1849, porém sem receber o diploma (WEST, 2003)<sup>2</sup>.

Desiludido com a situação política reinante na época, decidiu emigrar de sua terra natal. Depois de considerar alguns possíveis destinos, interessou-se pelo projeto do Dr. Blumenau e por sua Colônia no Sul do Brasil.

Subiu então a bordo do veleiro “Florentin”, no porto de Hamburgo, em 17 de maio de 1848, já casado e acompanhado da esposa Karoline Thöllner<sup>3</sup> e da filhinha Anna<sup>4</sup>, de poucos meses, junto com o irmão August<sup>5</sup> e a cunhada Friederike<sup>6</sup>.

Desembarcaram do “Florentin” no porto de São Francisco do Sul, no litoral Norte da província de Santa Catarina, em 19 de julho do mesmo ano (MÖLLER, 2022; WEST, 2003). Enquanto Fritz fazia o reconhecimento da Colônia Dona Francisca, futura cidade de Joinville, o irmão August foi conferir a situação da Colônia Blumenau. August retornou trazendo boas referências dessa colônia, de forma que mantiveram a proposta original – a qual haviam aventado ainda na Alemanha. De São Francisco viajaram em pequena embarcação pelo litoral até Itajaí e dali, em três dias a bordo de uma jangada montada sobre duas canoas, chegaram, finalmente, após três meses de viagem, no dia 21 de agosto, à incipiente Colônia Blumenau, no vale do Itajaí (MÖLLER, 2022).

Fritz Müller passou os quatro primeiros anos em sua nova pátria trabalhando como autêntico colono, conforme ele próprio narrou em longa carta que escreveu à sua irmã Rosine Müller, transcrita na íntegra em Silva (1971) e em diversas outras publicações. Os irmãos abriram suas clareiras na mata e construíram as primeiras rústicas casas com as próprias mãos, obtendo tudo o que precisavam ali mesmo.

A “loja de materiais de construção” era a própria Mata Atlântica! Os palmiteiros da floresta forneciam quase tudo o que precisavam, desde os estipes (troncos) que serviram de esteios, vigas, barrotes e paredes, além de material para construção dos rústicos móveis. Já as folhas dos palmiteiros, sobrepostas em várias camadas, formavam um eficiente telhado.

---

<sup>2</sup> Fritz Müller, a essas alturas declaradamente cético, negou-se a fazer o juramento dos cristãos. Solicitou fazer o juramento dos judeus, mas, este pedido não foi aceito. Coerente com sua convicção, não prestou juramento e por isso foi-lhe negado o diploma de médico.

<sup>3</sup> De Karoline Töllner pouco se sabe. Nascida em Loitz, era filha de uma diarista, com quem Fritz Müller se uniu em amor livre e teve duas filhas, antes de se casar e emigrar para o Brasil. A primeira filha, Luise, nascida em 14 de maio de 1849, faleceu aos 3 anos, pouco depois do nascimento da segunda filha Anna (MÖLLER, 2022).

<sup>4</sup> Mais conhecida como Anna, foi registrada como Johanna Friederike Caroline, no registro de batismos de Loitz, na data de 14 de março de 1852 (MÖLLER, 2022).

<sup>5</sup> August, batizado Friedrich Wilhelm August Müller, nasceu em 24 de novembro de 1825 também em Windischholzhausen, estudou teologia e depois formou-se jardineiro, antes de emigrar com o irmão mais velho Fritz para o Brasil, onde os dois mantiveram um fiel relacionamento fraternal. Morreu em Blumenau em 21 de maio de 1904 (MÖLLER, 2022).

<sup>6</sup> Friedrike Cristiane Marthilde Hoffmann, casou-se com August Müller em abril de 1852 na Prússia. Faleceu em Blumenau em 9 de janeiro de 1917 (ROOTSMAGIC ESSENCIALS, 2022).

Na falta de pregos, tudo era amarrado com cipós, obtidos também na mata – que ia sendo derrubada para dar espaço ao local de moradia, rancho e cercados para criação de aves e porcos, e às primeiras plantações (SILVA, 1971; WEST, 2003; MÖLLER 2022).

Nada muito diferente do que fizeram os primeiros colonizadores da Colônia Santa Isabel<sup>7</sup> a partir de 1847 e da vizinha Colônia Teresópolis<sup>8</sup> a partir de 1860.

### **Permanência em Desterro e retorno a Blumenau**

Indicado pelo Dr. Blumenau para ser professor do Liceu Provincial, então em fase de implantação, Fritz Müller mudou-se para a capital Desterro (hoje Florianópolis), depois de viver 4 anos como autêntico colono em Blumenau. Naturalizou-se brasileiro e residiu na capital da Província de 1856 a 1867. Exerceu o cargo de professor durante 4 anos no referido Liceu, criado pelo presidente João José Coutinho, homem público de rara visão estadista e consciente da importância da educação no desenvolvimento da sociedade (MÖLLER, 2022).

Foi como professor do Liceu e residindo em Desterro que Fritz Müller tomou conhecimento das revolucionárias ideias do eminente naturalista inglês Charles Darwin, através do livro “A origem das espécies por meio da seleção natural”, publicado em 1859 e lido por ele na tradução alemã de 1860 (FONTES, 2022b). Percebeu que muitas coisas passavam a fazer sentido no estudo dos seres vivos, a partir das ideias e observações de Darwin.

Entusiasmado com a obra de Charles Darwin – em breve também conhecida como a Teoria da Evolução – Fritz Müller passou a testá-la por meio de minuciosas observações do desenvolvimento larval dos crustáceos (camarões), cujas larvas ele coletava ali mesmo na frente da sua casa, no mar da Praia de Fora, da então Desterro (praia esta hoje soterrada pelo aterro da Avenida Beira-Mar Norte de Florianópolis).

Os resultados de alguns anos de criteriosa e paciente pesquisa foram reunidos num pequeno livro de 91 páginas, escrito em alemão e intitulado “Für Darwin” (Para Darwin), publicado em 1864 (FONTES, 2022a; MÖLLER, 2022).

O livro de Fritz Müller despertou grande entusiasmo nos cientistas e pensadores da época, tendo sido traduzido para o inglês, russo, francês, português e espanhol (FONTES, 2022 a e b).

Tamanho foi o interesse despertado que o próprio Charles Darwin providenciou e pagou do próprio bolso a tradução para o Inglês dessa obra de Fritz Müller – que foi publicada em Londres em 1869.

---

<sup>7</sup> Fundada em 1847 por imigrantes recém-chegados da Alemanha, a Colônia Santa Isabel foi composta, em sua maioria, por agricultores e outros provenientes da região do Hunsrück, no atual estado da Renânia-Palatinado.

<sup>8</sup> A Colônia Teresópolis foi fundada pelo Governo Imperial em 3 de junho de 1860 por imigrantes católicos e luteranos. Eram provenientes, em sua maioria, da região da Renânia e Westphalia, na Alemanha.

Por iniciativa de Darwin, logo iniciou-se uma profícua correspondência entre os dois naturalistas – ficando evidente nesta a amizade, o grande respeito e a admiração que se desenvolveu entre ambos. As cartas de Darwin partiam de Down, nos arrabaldes de Londres, Inglaterra – e as de Fritz Müller partiam, inicialmente, de Desterro, e depois, por muitos anos, de Blumenau – onde Fritz Müller voltou a residir por mais 30 anos até sua morte, ocorrida em 1897. Essa notável correspondência foi encerrada somente com a morte de Darwin, ocorrida em 1882.

Anos mais tarde, Francis Darwin afirmou que, de todos os amigos que seu famoso pai Charles não conheceu pessoalmente – apenas por correspondência – Fritz Müller parecia ser o seu predileto (UFSC, 2023).

Terminado o mandato do Presidente Coutinho, o Liceu foi dissolvido e devolvido aos padres Jesuítas em setembro de 1864. Fritz Müller ainda lecionou por algum tempo como detentor de “cátedras avulsas”, pois era contratado de forma vitalícia pela Província de Santa Catarina.

Outra possível atividade pedagógica que Fritz Müller desenvolveu neste período de residência em Desterro, foi a preparação de um material de ensino para escolas alemãs no Brasil. Há indícios<sup>9</sup> que tenha auxiliado o pastor Christian Tischhauser – administrador do Instituto de Educação de Santa Isabel – no processo de elaboração do material.

Entretanto, não vendo mais muita perspectiva com os jesuítas no cargo de professor, Müller propôs ao governo que passasse a atuar como naturalista<sup>10</sup> da Província – ou seja, “pesquisando as riquezas naturais da província, principalmente do reino vegetal e estudando espécies com potencial econômico e médico”, entre outros estudos teóricos e práticos de botânica.

Voltou a residir em Blumenau a partir de 1867, tendo permanecido nessa função até 1876. A partir deste ano, foi contratado como Naturalista Viajante do Museu Nacional do Rio de Janeiro, cargo em que permaneceu, com uma breve interrupção, até 1891 (MÖLLER, 2022), sempre residindo em Blumenau – ponto de partida para a maioria de suas viagens e expedições.

Na condição de naturalista da Província de Santa Catarina – e, depois, como Naturalista Viajante do Museu Nacional –, na busca sistemática de conhecimento da flora e da fauna da região, Fritz Müller fez diversas viagens pela Província de Santa Catarina. Foi na sua viagem mais longa – e, provavelmente, a mais impressionante de todas – que Fritz Müller passou pela Colônia Santa Isabel em 1868, partindo a pé de sua nova residência em Blumenau, como veremos mais adiante.

---

<sup>9</sup> Conforme carta do pastor Tischhauser em 18.06.1867, publicada no: *Der Evangelische Heidenbote* n. 10, de out. 1867, p. 141: “Atualmente estou trabalhando em um livro didático para escolas alemãs no Brasil, para qual um naturalista alemão em Desterro deu sua contribuição para este projeto, e que espera entregar para impressão no fim deste ano”.

<sup>10</sup> Ao que tudo indica, neste período em Desterro, Fritz Müller

## O herói e pioneiro da Ciência

Pelo fantástico conjunto de sua obra – somando o impressionante número de cerca de 300 trabalhos científicos publicados – Fritz Müller foi homenageado ainda em vida com os títulos de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Bonn em 1868 e pela Universidade de Tübingen, em 1874, na Alemanha (MÖLLER, 2022), e *post mortem* pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC em 2006 e pela Universidade Regional de Blumenau – Furb em 2014.

Após sua morte, Fritz Müller mereceu necrológios publicados em algumas das mais importantes revistas científicas do mundo, escritos por importantes cientistas do mundo, principalmente naturalistas. Luiz Roberto Fontes e Stefano Hagen, tradutores de *Für Darwin* – já em terceira edição – transcreveram oito necrológios publicados após a morte de Fritz Müller, além de elencar três resenhas publicadas sobre esta obra, todas em Müller (2022).

A importância e o vulto que Fritz Müller representou para a Ciência Mundial como naturalista vai muito além dos seus trabalhos científicos publicados. A capacidade de observação de detalhes, a singular argúcia científica e o seu enfoque quase sempre iam além da mera descrição – englobando observações de ordem ecológica (relações e interações com o meio e com os outros seres vivos) não muito comuns à sua época.

Nosso naturalista foi o autor de um estudo de mimetismo com borboletas, hoje conhecido no mundo como “mimetismo Mülleriano”. Foi “desbravador de inúmeros grupos de invertebrados e plantas (...), homenageado com estátua de corpo inteiro em praça pública na cidade de Blumenau” (FONTES, 2022b), fatos hoje fartamente divulgados em publicações diversas e/ou ainda no prelo, impulsionadas pelas comemorações do seu bicentenário.

A importância do naturalista pode ser exemplificada com algumas referências públicas feitas sobre este no seu tempo e nos anos recentes – neste último caso, tendo em vista os 200 anos de seu nascimento no ano de 2022. A maioria consta em diversos capítulos de diversos autores no livro eletrônico “Fritz Müller 200 anos: legado que ultrapassa fronteiras” (2022), Müller (2022), ou mencionadas em palestras, conferências e mesas redondas:

“Príncipe dos observadores da natureza no Brasil”, (Charles Darwin);

“Herói da Ciência” (Ernst Haeckel, criador do termo Ecologia, em necrológio publicado em 1897 (in: Müller, 2022));

“Está na hora de Fritz Müller, o maior naturalista do Brasil, receber o merecido reconhecimento” (norte-americano Ernst Mayr, um dos maiores zoólogos mundiais do século XX, na contracapa de West (2003));

“O maior estudioso da Mata Atlântica, até hoje imbatível no Brasil” (Luiz Roberto Fontes, tradutor e biógrafo de Fritz Müller, São Paulo);

“Pioneiro nos estudos ecológicos no Brasil e no mundo” (idem);

“Pioneiro no uso de modelos matemáticos em Biologia” (idem);

“O mestre inigualável das interações na natureza (Christian Westerkamp, Universidade Federal do Crato, Ceará);

“Pioneiro da Biologia Marinha no Brasil” (Alberto Lindner, UFSC);

“Sábio decifrador da natureza do Brasil” (Carlos Fouquet);

“Junto com Charles Darwin e Alfred Wallace, Fritz Müller foi um dos três maiores naturalistas mundiais do século XIX” (Mário Steindel, UFSC).

## O naturalista a pé

Como naturalista da província de Santa Catarina, ou como Naturalista Viajante do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Fritz Müller intensificou o que já gostava de fazer: observar a natureza e coletar material botânico e zoológico em longas incursões a pé. Sobre isso, reproduzimos abaixo o que escrevemos no livro eletrônico sobre ele:

*Uma das características mais marcantes de Fritz Müller é que ele pouco se deslocava a cavalo, de carroça ou de barco ou canoa, que eram os meios de transporte disponíveis na sua época. Mesmo em trechos que já dispunham de estradas carroçáveis ou picadões na Província de Santa Catarina do seu tempo, preferia ir a pé, pois, segundo ele, era a melhor forma de estar sempre atento a detalhes da natureza. Caminhando, tudo ficava mais ao alcance de seu atento e treinado olhar de brilhante observador da natureza, de sua visão perspicaz, acima da média dos naturalistas do seu tempo. Qualquer coisa que chamasse a atenção estava ali, imediatamente à mão, bastava se agachar, observar e, se fosse o caso, coletar”. (BACCA, 2022, p. 179).*



Foi a pé – quase sempre *descalço*, enfatize-se – , chapéu na cabeça, cajado na mão, bernal a tiracolo (Fig. 1), e, muitas vezes, carregando caixa abarrotada de material botânico às costas, que Fritz Müller percorreu mais de três quartos do que era conhecido e colonizado a seu tempo como Província de Santa Catarina.

Em suas viagens a pé, Fritz Müller não dispunha de um séquito de carregadores e outros serviços, tão comuns a outros famosos naturalistas – pagos pelos seus governos de origem –, que percorreram as matas praticamente virgens do interior do Brasil. No caso desta viagem em que visitou a Colônia

Fig. 1: Fritz Müller na foto que melhor evidencia seu jeito humilde e despojado de ser, “em seu uniforme de sábio e operário”, no dizer de Edgar Roquette-Pinto (1979).

Santa Isabel, partiu de Blumenau acompanhado apenas do sobrinho, Johannes Müller, de 15 anos<sup>11</sup>. Os dois, tio e sobrinho, pernoitavam em rústicas instalações e pousadas, várias vezes dormindo sobre esteiras de bambu estendidas sobre o chão de barro.

A viagem feita a pé em 1868 – já contratado como naturalista da Província de Santa Catarina – foi provavelmente a mais longa e mais bem descrita por Fritz Müller. Seu destino principal era o morro da Boa Vista, passando pela Colônia Teresópolis, com uma “esticada” até o Alto Capivari – neste caso chegando também, talvez, um pouco abaixo da atual sede do município de São Bonifácio/SC. Foi nesta viagem que nosso naturalista percorreu grande parte da **Colônia Santa Isabel** entre os dias 15 e 18 de maio daquele ano.

Depois de partir de Blumenau (sempre a pé) ao alvorecer do dia 27 de abril de 1868, até chegar na Colônia Santa Isabel, Fritz Müller e o sobrinho caminharam uma média de 25 a 30 quilômetros por dia, e pernoitaram nos seguintes locais: Ilhota, Vila de Itajaí, enseada de Porto Belo (antes de cruzar o Rio Perequê; Itapema e Balneário Camboriú simplesmente não existiam e a Camboriú que ele conheceu não passava de uma “*miserável vila na margem direita do rio*”, junto à sua foz), Tijucas, Tijuquinhas e Desterro. Na capital pernoitou duas vezes, e somente ali, conforme ele mesmo menciona, ao desembarcar do barco na ilha, “*lavamos nossos pés e, pela primeira vez em meses, calçamos meias e sapatos*”.

Após partir de Desterro no dia 5 de maio, Fritz Müller pernoitou um pouco antes de Santo Amaro (da Imperatriz) “*no Schmidt Hard*” e, depois, na Colônia Teresópolis – onde visitou velhos conhecidos, entre eles o Padre católico Wilhelm Roer<sup>12</sup>, um interessado em botânica que sempre visitava Fritz Müller quando este morava em Desterro. Apesar de Müller ser ateu e Roer um clérigo, eram amigos.

De Teresópolis, Fritz Müller deslocou-se ao Alto Capivari – hoje São Bonifácio –, onde dormiu duas noites “*na pousada do Busch*”<sup>13</sup>, voltando depois a pernoitar em Teresópolis. Aqui então começa a parte da caminhada que envolveu a Colônia Santa Isabel. Até o momento não conseguimos levantar mais informações nem do *Schmidt Hard*, nem da *Pousada do Busch*, no alto Capivari.

---

<sup>11</sup> Johannes Andreas Müller, nascido em 19 de junho de 1853, era o filho mais velho de August Müller, o já referido irmão de Fritz Müller. Acompanhou o tio na impressionante jornada até o Morro da Boa Vista, ao que consta, também sempre descalço, como o tio naturalista.

<sup>12</sup> Wilhelm Friedrich Clemens Röer nasceu em Warendorf, Alemanha, em 29 de setembro de 1822, e faleceu em Porto Alegre/RS, em 8 de outubro de 1891. Foi um padre alemão radicado no Brasil. Chegou ao Brasil em 1860, sendo recomendado ao vigário da Colônia Dona Francisca, atual Joinville/SC, fixando-se no mesmo ano na Colônia Teresópolis, onde foi cura de 1862 a 1889. Foi sepultado no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, em Porto Alegre. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guilherme\\_Roer](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guilherme_Roer) – Acesso em: 27 mai. 2023.

<sup>13</sup> Até o momento este autor não conseguiu identificar quem seria o Sr. Busch – onde “*uma mulher corpulenta e simpática logo encheu nossos estômagos famintos com sólida comida típica da Vestfália.*” Tudo indica trata-se de Wilhelm Busch ou um de seus filhos. Cf. STEINER (2019, p. 66s).

Fritz Müller chegou à Sede da Colônia Santa Isabel, onde pernitoiu, no dia 15 de maio de 1868. Para tanto, partiu da Colônia Teresópolis à tarde, cortando caminho pelos morros, a partir do ribeirão do Cedro. Pernitoiu em Santa Isabel e no dia seguinte galgou o Morro do Gongo e atravessou o Rio das Antas, para, logo em seguida, atingir o Rio Capivaras (atual sede do município de Rancho Queimado/SC). Depois de passar pelo Morro Chato, atravessou o Rio Bonito e chegou a Rio Taquaras (hoje localidade de Taquaras). Neste local pernitoiu tanto na ida, antes de subir o Morro da Boa Vista, seu destino programado, quanto na volta. O respeitado naturalista percorreu, portanto, quase toda a extensão da Colônia Santa Isabel.

Reproduzimos a seguir, dada sua relevância, a íntegra do diário de Fritz Müller na parte que diz respeito à Colônia Santa Isabel. A tradução do original em alemão de Möller (1915), aqui publicada, foi gentilmente cedida pela tradutora Selma Rutzen.

### **Diário e notas de Fritz Müller em sua passagem pela Colônia Santa Isabel**

Observação: no original da introdução de cada dia no diário de Fritz Müller consta apenas a data. As referências ao número ordinal do dia da caminhada e o cálculo expedito da distância caminhada são deste autor. Também na tradução que nos foi cedida, as grafias dos nomes de gêneros e famílias botânicas nem sempre começavam com inicial maiúscula, o que aqui adaptamos e corrigimos. Todo o restante, salvo ajustes pontuais, segue a tradução de Selma Rutzen. Ao final de cada dia do diário, se pertinente, inserimos observações nossas.

#### ***15 de maio de 1868, 19º dia da viagem, cerca de 12 km caminhados***

*À tarde, fomos na companhia do engenheiro Heeren<sup>14</sup>, de Teresópolis para Santa Isabel, carregados, eu com minha enorme caixa de botânica, Heeren e Johannes cada um com um volumoso cobertor de lã vermelha para as frias noites que estavam previstas. Atravessamos o Cubatão por uma ponte em construção, seguimos pela margem direita do rio do Cedro para depois atravessá-lo, para dobrar à direita rumo ao vale de um pequeno afluente deste<sup>15</sup>. Este riacho ainda não foi habitado, de modo que caminhamos na sombra de uma bela floresta virgem na qual a samambaia arbórea com grosso e preto feltro radical era bastante frequente. – No alto de uma notável montanha alcançamos o limite da colônia de Santa Isabel, para cujo perímetro urbano localizado em nível muito mais elevado do que Teresópolis, nós descemos ao anoitecer. No caminho já encontramos nosso amigo Reusing<sup>16</sup> o*

---

<sup>14</sup> Trata-se, provavelmente, de August Heeren este acompanhante de Fritz Müller a partir da Colônia Teresópolis até o Morro Boa Vista e retorno a Teresópolis. Conhecido como exímio caçador.

<sup>15</sup> Foi com alguma emoção que este autor, juntamente com 24 outros participantes de uma expedição da Acaprena – Associação Catarinense de Preservação da Natureza –, cruzamos, também a pé, como o fez Fritz Müller, e com grande probabilidade de que estávamos no caminho certo, este “vale de um pequeno afluente do rio do Cedro”, saindo pelo divisor deste para o vale que drena para a Colônia Santa Isabel, em 13.11.2022. Coincidência ou não, vimos vários belos cedros na mata deste pequeno afluente do rio do Cedro.

<sup>16</sup> É possível que se trate do então ainda solteiro Heinrich Reusing, depois casado com Emma Clara Klaumann e pai de Emma Emilie (\*06.03.1969? /data incerta), ou talvez, 10 meses depois da visita de Fritz Müller. O engenheiro Heeren, a partir de Teresópolis e Reusing, a partir de Santa Isabel, acompanharam Fritz Müller e o sobrinho Johannes Müller até o morro Boa Vista.



*qual queria nos acompanhar para Boa Vista, apresentando-nos sua propriedade de solteiro.*

*A sobremesa do nosso jantar constituía-se de pinhões cozidos, o principal alimento dos nossos índios e porcos selvagens. Achei excelente o sabor deles – o qual fica mais ou menos entre o da batata inglesa e o de castanhas. Preparamos nosso acampamento com esteiras de bambu e algumas lindas peles de puma e jaguar.*

**16 de maio de 1868, 20º dia, cerca de 30 km caminhados**

*Na manhã do dia seguinte o frio era intenso, e tudo em volta estava coberto por geada grossa<sup>17</sup>. Um caminho íngreme cheio de pedras (Fig. 2), muitas vezes com 3 – 4 pés de diâmetro<sup>18</sup>, levou-nos ao morro do Gongo<sup>19</sup> sobre cujo pico encontramos o crescimento das árvores de forma bastante reduzida; orquídeas parecia nem haver sobre elas. No lugar da Tillandsia usneoides semelhante ao líquen, os galhos aqui eram cobertos por autêntico líquen de barba. No matagal à beira da estrada, onde encontramos várias Myrtaceae com folhas muito perfumadas, infelizmente sem flores e frutos, havia muitas amoras pretas muito saborosas (um outro Rubus, sobre a Ilha de Santa Catarina, carrega frutos verdes, bastante insossos.) Também encontramos aqui uma Cucurbitaceae com frutos vermelho escuro, redondas, parecidas com cereja, de sabor bem amargo; e com sementes maduras uma Lobelia de um ano (de flores brancas) com altura de 12 – 15 pés. Do Morro do Gongo descemos ao vale do Rio das Antas. Tanto este como os demais rios que tínhamos de atravessar até Boa Vista, são afluentes do Tijucas.*



Fig. 2: “Um caminho íngreme cheio de pedras muitas vezes com 3 – 4 pés de diâmetro.” Nos terrenos laterais de um bom trecho ao longo da estrada para o Rio dos Bugres (Bugerbach) encontram-se muitas pedras, tal como descreveu Fritz Müller ao passar por esse local da Colônia Santa Isabel, em 16/5/1868, em direção ao morro do Gongo. (Acervo do autor).

<sup>17</sup> Fritz Müller não comenta que calçou sapatos, como o fez para entrar na capital Desterro. Portanto, deve ter enfrentado esse trecho de grossa geada descalço também.

<sup>18</sup> As pedras a que se referiu Fritz Müller nos primitivos caminhos de 1868 ainda hoje são visíveis, espalhadas ou amontoadas nos terrenos das laterais da estrada local do Bugerbach, ou Rio dos Bugres (Fig. 2).

<sup>19</sup> Visitando Santa Isabel no dia 05.03.2022 para estudar os “Caminhos de Fritz Müller”, conversamos, na localidade de rio dos Bugres, com o produtor de vinho Sr. Roberto Rassweiler. Questionado sobre o morro do Gongo, como a ele se refere Fritz Müller, ou Congo, como consta nos mapas do município de Águas Mornas, ele explicou que neste morro existem umas rochas que, golpeadas com pedra ou martelo, emitem sonoridade. Logo, faz mais lógica o antigo nome de morro do Gongo e não Congo, como chamado atualmente. Fica a sugestão ao município de Águas Mornas estudar a alteração da grafia deste topônimo.

*Depois de um segundo morro pouco significante<sup>20</sup>, chegamos ao Rio das Capivaras, cujo curso seguimos, no começo, na margem direita, depois na margem esquerda (que uma ponte faz a ligação). Em um local do rio crescia uma grande quantidade de uma planta (aquática) parecida com a *Myriophyllum* – e provavelmente também pertencente a esse gênero. Até onde o acompanhamos, o Capivara flui vagorosamente por um vale pantanoso de solo tipo turfa (Fig. 3)<sup>21</sup>. No verão deve existir aqui uma flora muito interessante; nessa época, infelizmente, nenhuma dessas plantas novas que estimulavam minha curiosidade estava florescida. Em alguns locais a mata era formada quase que exclusivamente por uma mimosa (como depois mais em Taquaras), de tronco esguio, cor branca e coroa arejada formada por delicadas folhas duoformes. Em alguns locais as araucárias eram muito frequentes. Na casa de um antigo habitante de Itajaí, cuja propriedade em terras eu comprara há alguns anos em conjunto com August, descansamos por algum tempo enquanto saboreávamos pão de milho fresco e queijo vindo de Lages.*



Fig. 3: "Até onde o acompanhamos, o Capivara flui vagorosamente por um vale pantanoso de solo tipo turfa". Certamente Fritz Müller viu este tipo de paisagem, ainda hoje preservada logo abaixo da atual Sede de Rancho Queimado, em 1868 pertencente à Colônia Santa Isabel. (Acervo do autor).

*Com forças renovadas, partimos para escalar o Morro Chato, acrive o qual era gradual, em compensação, porém, estendia-se por horas. Neste trecho (bem como*

<sup>20</sup> Partindo do morro do Gongo, o local desta passagem do vale do rio das Antas para o rio das Capivaras, por "um morro pouco significante", não nos foi possível localizar até o momento. A atual rodovia BR 282 passa, de fato, neste trecho, por um divisor de águas que poderíamos qualificar como "morro pouco significante", mas, teria sido por ali que também passou Fritz Müller no distante ano de 1868?

<sup>21</sup> Essa característica do rio Capivaras "fluir vagorosamente por um solo tipo turfa" foi completamente alterada por aterros e retificações no Centro de Rancho Queimado. Porém, logo abaixo da cidade, o rio e suas margens mantêm características parecidas com estas descritas por Fritz Müller (Fig. 3).

também anteriormente e posteriormente), encontramos vários locais descampados pelo caminho, onde havia numerosos mourões fincados na terra e próximo um local para acender uma fogueira. Era nestes locais que os tropeiros pernoitavam; os mourões servem para amarrar as mulas. Aqui encontramos uma tropa grande de gado, cujos vaqueiros na maioria pareciam ser de sangue indígena bastante puro. Tivemos que nos abrigar num amontoado de arbustos espinhentos na encosta de um morro. Para cima dos meus companheiros, dos quais fiquei um pouco para trás a fim de meu interesse botânico, surgiu repentinamente um boi gigantesco o qual havia se desviado do caminho; por sorte, a aventura teve final feliz, sem demais consequências senão que a vestimenta de Heeren ficou deploravelmente esfarrapada nos espinhos e nós outros com as mãos mais ou menos ensanguentadas com o ocorrido.

Do Morro Chato avistamos a primeira vez o destino da nossa excursão, o Campo de Boa Vista: os contornos ondulados das montanhas, que de resto limitam o círculo visual em volta, em um trecho eram interrompidos por uma linha reta em sentido horizontal a qual terminava à esquerda por uma queda vertical<sup>22</sup> e também se contrastava da escura floresta virgem por uma coloração amarelada. A descida ao estreito vale do Rio Bonito era íngreme assim como também era íngreme a subida no outro lado. Com tempo molhado, a argila vermelha deste caminho deve ser lisa como sabão, sendo difícil de entender como ele se torna transitável.

Um último morro ainda nos separava do nosso destino para aquele dia, o Rio das Taquaras, em cuja margem direita ainda andamos por um trecho em aclive até a um dos últimos moradores, um antigo dono de hospedaria na região de Essen, o qual aqui tinha um pequeno comércio e abrigava viajantes. Todo o trecho que passamos durante este dia pertence à área da colônia de Santa Isabel (grifo nosso). As colonizações encontram-se um tanto espalhadas; muitas localidades habitadas anteriormente, agora estão abandonadas e na realidade, essa terra terrivelmente montanhosa, infértil e cheia de pedras com suas geadas no inverno é tudo menos atração para o homem que cultiva a terra.

Em nosso hospedeiro encontrei um velho conhecido o qual tomou seu primeiro café no Brasil na minha casa quando da sua chegada há 8 ou 10 anos<sup>23</sup>. – Passamos a noite conversando, sentados ao redor do fogo na cozinha com um copo de grogue. Ainda durante a noite o céu começou a nublar, uma mudança que nós apreciamos com sentimentos divididos; era agradável, pois sem as nuvens a noite teria sido mais fria ainda do que a anterior em Santa Isabel, por outro lado, porém, desagrudou porque ameaçava estragar o panorama de Boa Vista.

---

<sup>22</sup> Na expedição da Acaprena – Associação Catarinense de Preservação da Natureza, em 14.11.2022, paramos na propriedade da família Weingärtner, no Morro Chato. Walter Weingärtner e a esposa Carolina Nunes nos mostraram ali, nítidos vestígios dos caminhos dos tropeiros, por onde certamente passou Fritz Müller em 1868 (Fig. 4 e 5). Carolina preparou algumas placas interpretativas do diário de Fritz Müller naquele trecho, uma delas batendo exatamente com essa descrição do naturalista (Fig. 6).

<sup>23</sup> Fritz Müller não cita o nome de quem “tomou seu primeiro café no Brasil em minha casa há 8 ou 10 anos”. Descontando 8 – 10 anos de 1868, data dessa observação, retroagimos aos anos 1860 a 1858. Portanto, este “primeiro café no Brasil” provavelmente aconteceu na casa de Fritz Müller em Desterro e não na Colônia Blumenau.



Fig. 4 e 5: Walter Weingaertner e Carolina Nunes postados dentro dos sulcos visíveis no solo, vestígios da passagem dos tropeiros, paralelos à estrada local, nos fundos de sua casa na localidade de Morro Chato, Rancho Queimado/SC. Quase certamente, os pés de Fritz Müller pisaram por aqui. Notar na foto de baixo (Fig. 5) a existência de três sulcos, sugerindo um sistema de várias trilhas paralelas próximas e anastomosadas entre si. 05.03.2022. (Acervo do autor).



Fig. 6: Placa ilustrativa artesanal da arquiteta Carolina Viviane Nunes no terreno de sua residência no Morro Chato, Rancho Queimado/SC, indicando a visão do morro da Boa Vista tal como a teve Fritz Müller quando esteve neste ponto da Colônia Santa Isabel em 16.05.1868. Infelizmente o perfil do morro não está bem visível ao fundo. 14.11.2022. (Acervo do autor).

**17 de maio de 1868, 21º dia, cerca de 25 km caminhados.**

*Primeiramente seguimos em subida lenta e após algum tempo atravessamos da margem direita para a esquerda do rio Taquaras<sup>24</sup> e após menos de uma hora chegamos ao pé do morro do Boa Vista. Aqui iniciou-se uma subida um tanto penosa. Primeiro alguns locais com as conhecidas escadas onde as mulas haviam pisoteado tanto os buracos cheios de lama que arrastavam a barriga pelos degraus intermediários. Depois a subida era íngreme pelo caminho cheio de pedras e pisoteado pelas numerosas tropas de gado que ali passavam. Muitas vezes os arbustos de amora nos faziam parar, não por causa dos seus espinhos, mas pela abundância das suas frutas. Entre meio, floresciam fúcsias e a maravilhosa Melastomataceae Pleroma em forma de arbusto. Suas flores bastante grandes são alvas como a neve ao desabrochar, colorindo-se gradativamente de vermelho púrpura; o arbusto é enfeitado ao mesmo tempo com flores púrpuras escuro, branco e rosa. Após mais da metade da subida, chegamos a um estágio preliminar relativamente plano<sup>25</sup>. Árvores de estatura baixa, agora na maioria com poucas folhas, mas cobertas compactamente com frutas esbranquiçadas, aqui e lá dominadas pelas altas e isoladas araucárias<sup>26</sup> e arbustos formados, sobretudo, por variadas Compositae em forma de árvores e arbustos. Em uma pequena baixada, havia um banhado onde crescia Sphagnum e Xyris e Eriocaulon em grande quantidade (ambas das diversas qualidades que crescem em Santa Catarina). Aqui encontramos uma numerosa tropa de gado para logo em seguida ouvirmos um grito estridente o qual primeiramente ninguém de nós levou em conta. Mas após uma curva da estrada de onde a visão alcançava longe e sem darmos pela presença de nenhum ser humano, quebramos a cabeça acerca do grito. “Talvez tenha sido um índio? Lá embaixo à esquerda há um grande pinheiral onde por essa época eles talvez estejam ocupados.” – “Então é preciso esperar por uma flecha vinda do mato.” Reusing deixou seu revólver preparado e prestando atenção seguimos em frente. Ao escalarmos a última subida íngreme rumo ao campo, a incógnita estava resolvida. Um negro vinha bufando, tocando um boi à sua frente. Após os cumprimentos iniciais, perguntamo-lo se ele havia gritado: “sim senhores”, ao que contou-nos ter corrido atrás de um boi que se debandou daquela tropa, quando soltou aquele grito; antes ainda de chegarmos à curva do caminho, ele já havia desaparecido rapidamente.*

*Mais íngreme ainda do que anteriormente, o caminho levava para o alto dos campos<sup>27</sup>. Em torno de vinte pés abaixo do vértice do morro, surge um arenito no lugar da argila de xisto, a qual havia nos acompanhado até aqui. Quando atingimos o vértice da montanha, tínhamos a nossa frente uma vasta área quase plana de relva de talvez duas milhas quadradas<sup>28</sup>, aqui e ali interrompida por pequenas áreas de mata baixa, os assim denominados capões. A ausência de mata no campo da Boa*

<sup>24</sup> A atual estrada também cruza da margem direita para a esquerda do rio Taquaras. Resta saber se no mesmo lugar atravessado por Fritz Müller em 1868.

<sup>25</sup> Esse estágio plano a que se refere Fritz Müller certamente é o mesmo por onde passa a atual estrada de Taquaras, na parte em que esta alcança a rodovia BR 282.

<sup>26</sup> Do “domínio das altas e isoladas araucárias” restam hoje poucos e raquíticos exemplares – mas, nada impede que essa paisagem volte a ter, via plantio promovido pelo poder público ou particular, a presença de novas araucárias.

<sup>27</sup> Confere com o aspecto geomorfológico que ainda hoje se observa, no acesso final ao alto do morro da Boa Vista, junto à rodovia BR 282.

<sup>28</sup> Fritz Müller fez uma boa avaliação visual da área, pois, cerca de duas milhas quadradas equivalem a cerca de 5 km quadrados, área aproximada visível atualmente em imagens de satélite.

*Vista, não é em todo caso, uma consequência de sua localização elevada – tanto que em direção ao oeste, veem-se montanhas mais elevadas ainda e cobertas de mata e muito mais abaixo do que Boa Vista, há na proximidade um campo menor, o da Invernadinha. Talvez o responsável pelo fato de não crescer nenhuma árvore seja a composição do solo. As camadas de pedra arenosa quase horizontal que aqui e ali surgem à luz do dia, são encobertas por finas camadas de terra. O crescimento das plantas era muito peculiar. O capim duro e de folhas estreitas, o restante da relva, toda ela de plantas baixas, com folhas pequenas e próximas uma da outra. Em alguns brejos havia Sphagnum e Lycopodium. Infelizmente quase nada encontramos em flor; mal apenas uma Polygala do habitat de espécies alemãs com flores de uma viva cor azul escuro além de uma Lobelia pequena; de uma Labiate perfumada colhi semente bem como de dois arbustos com pouco menos de dois palmos de altura, da família das Ericaceae, de uma Gaylussacia com pequenos bagos amarelo e brancos e (provavelmente) de uma Andromeda. De resto, da Ericaceae aqui conheço apenas um Vaccinium próximo da costa, o qual atinge uma altura considerável e bonitas flores vermelhas, carregando frutos azuis, no sabor semelhantes ao mirtilo (comarinhas). Acomodamo-nos à margem de um capão, para ficar em segurança contra cobras. A vegetação a cortamos com facões e devoramos nosso lanche de pão de milho com queijo de Lages. Enquanto Reusing e Johannes ainda descansavam no capim, Heeren e eu patrulhamos o capão. As árvores mais baixas e nodosas eram em sua maioria Myrtaceas (provavelmente Eugenia). Elas cobriam-se com líquens e musgos. Ainda assim não faltavam orquídeas, sendo que encontrei uma a mim desconhecida (pelo aspecto, talvez uma Oncidium ou uma Gomezia). O solo era coberto em sua maior parte por espinhentas bromélias compactamente distribuídas.*

*Ainda vagueamos por algumas horas pelo campo para nos comprazer com o panorama, pois, de fato, o campo faz inteiramente jus ao nome de Boa Vista, onde o céu se abriu tanto por volta do meio-dia que nos regozijamos com a visão para todos os lados. Ao Oeste o pontilhado da serra, pela qual o caminho sobe rumo ao planalto, ao longe, no Norte, o morro do Baú em Luiz Alves, na região do baixo Itajaí<sup>29</sup>, cuja nascente ficava a um dia de viagem de nós, rumo ao Oeste; ali, às suas margens, na estrada que liga a Lages, encontra-se a colônia militar de Santa Teresa<sup>30</sup>. Ao nosso redor, um emaranhado de montanhas cobertas por matas escuras e vales de onde não saíam quaisquer vestígios de colonização humana. O mar, o qual diziam ser visível de alguns pontos em dias claros, não o vimos; achamos, porém, ter identificado as montanhas da ilha de Santa Catarina. Diz-se que o morro do Boa Vista seria totalmente isolado e em toda sua circunferência, cairia abruptamente nos vales que o circundam. De Boa Vista retornamos novamente ao nosso local de pernoite anterior, o qual alcançamos por volta de 4 horas.*

---

<sup>29</sup> Fritz Müller aqui parece cometer um equívoco – pois, em três ocasiões recentes em que estivemos no morro Boa Vista, não foi possível avistar o Morro do Baú, em Ilhota, próximo à Foz do rio Itajaí. Em compensação, avista-se no distante horizonte o morro do Funil na Serra Geral no alto Vale do Itajaí, que Fritz Müller viria a conhecer noutra viagem a pé, oito anos mais tarde.

<sup>30</sup> Aqui Fritz Müller se refere ao rio Itajaí do Sul, onde localizava-se a Colônia Militar Santa Tereza, no atual município de Alfredo Wagner/SC.

**18 de maio de 1868, 22º dia, cerca de 30 km caminhados.**

No nosso retorno a Teresópolis, seguimos pela estrada que liga a Lages até o Capivaras (rio), pela qual também viemos. A água do Rio Bonito, pela qual tivemos que passar de manhã, era tão gelada que a mim causou dor de cabeça por algumas horas, e a Heeren um intenso resfriado. No vale do Capivaras deixamos a estrada, dirigindo-nos para a direita para seguir pela mata por uma picada a qual era estreita e provavelmente há anos não tenha sido pisada, e tão fechada pelo mato que sem Reusing e Heeren, com certeza logo a teríamos perdido novamente. Atravessamos o Capivaras por sobre o tronco de uma árvore derrubada que ligava as duas margens, chegando sem demora às proximidades do ressoante Rio das Antas<sup>31</sup>, localizado abaixo de nós. A mata quase não possuía vegetação de baixo porte. Além das árvores altas e bastante próximas umas das outras – e da muito frequente samambaia feltrada, o solo era coberto quase que exclusivamente com taquaras altas.

Aqui encontramos uma maravilhosa umbela frutícula de uma Bomarea (ou seja, uma *Alstroemeria trepadeira*); uma umbela com raios que ultrapassam os 30 palmos<sup>32</sup> e em cada extremidade uma fruta – a qual, após a abertura dos seus três opérculos, forma uma cestinha graciosamente moldada, cheia de redondas sementes de um vermelho maravilhoso. Estas lindas frutas só conheci nesta viagem (primeiramente no Capivari); a planta em flor, porém, já a havia encontrada numerosas vezes sobre a ilha de Santa Catarina. Desse modo, esta viagem deu-me novamente quatro plantas cujas sementes de cores vivas não caem após a fruta se abrir e agora já conheço mais de 20 famílias nas quais ocorrem tais plantas (além de 2 – 3 famílias indefinidas – as *Commelinaceae*, *Amaranthaceae*, *Verbenaceae*?, *Apocináceas*, *magnólias*, *Dileniáceas*, *Capparideae*, *Samydeae*, *Bixaceae*, *Cucurbitaceae*, *Marcgraviaceae*, *Meliaceae*, *Sapindaceae*, *Celastrinea Evonymus europaeus*), *Papilionaceae* e *Mimoseae*). Seguimos o curso do Rio das Antas até a proximidade da região da nascente do rio de São Miguel e, depois de atravessá-lo, não demorou para alcançarmos os primeiros colonizadores de Teresópolis, na parte alta do rio São Miguel. Ao descê-lo, porém, logo chegamos a uma estrada lisa, nivelada no melhor estilo, sobre o qual pudemos nos recuperar devidamente das nossas escaladas para cima e para baixo em caminhos acidentados, vagueando lentamente rumo à cidade. Ao anoitecer ali então chegamos. Em uma parte do rio de São Miguel<sup>33</sup> (do mesmo modo também no rio do Cedro), o vale é mais largo e o aclave das montanhas é mais suave além de seu solo ser de melhor qualidade do que no alto do rio Cubatão e seus afluentes. Nestas localidades, melhor situadas, também os colonizadores evoluíram muito bem. No rio de São Miguel e do Cedro cresce em grande quantidade e com a altura de uma pessoa, uma imponente *Cleome* – com flores enormes e tipicamente formadas, além das longas vagens muito ricas em sementes, a qual não encontrei em nenhum outro lugar.

---

<sup>31</sup> Deixamos a estrada para a direita (...) atravessamos o Capivaras (...), chegando sem demora às proximidades do ressoante Rio das Antas”. Essas poucas palavras fornecem interessantes pistas de por onde teria sido o caminho feito por Fritz Müller em 1868. Essas indicações, combinadas com “atravessamos um morro pouco significante” quando da ida, são pistas a serem levadas em consideração para esse intento.

<sup>32</sup> Consultando o botânico Luis Funez, deduzimos que, provavelmente, o correto aqui seria, “no máximo 30 polegadas” e não 30 palmos, como se referiu Fritz Müller.

<sup>33</sup> O rio de São Miguel como referido por Fritz Müller, atualmente é conhecido como Rio Miguel.

*Conforme rascunho feito a lápis e informado, Cleome gigantea Linn., a qual, a propósito, ocorre aleatoriamente pelo Brasil todo, desde o Rio Grande do Sul até a região amazônica.*

### **Conclusões e desdobramentos: os “Caminhos de Fritz Müller”, dos quais a Colônia Santa Isabel fez parte**

Fritz Müller conheceu e percorreu a maior parte da Colônia Santa Isabel em 1868 – 21 anos após sua fundação, acontecida em 1848. Partiu da Colônia Blumenau, numa viagem que durou, ida e volta, 36 dias, e somou cerca de 650 km, a pé e descalço. É quase certo que esta foi a maior e mais longa viagem de Fritz Müller, todas dentro de Santa Catarina.

Fez muitas outras viagens nas mesmas condições, sempre observando a natureza, fazendo relatórios e coletando material para estudos posteriores – que se tornaram conhecidos e respeitados em inúmeros países do mundo. Sem carregadores ou outros serviços, levava o material coletado às costas, na sua caixa de botânica. No caso de materiais mais pesados – ou em maior volume, como, por exemplo, vidraria e álcool para conservação de animais coletados nas praias e costões – despachava-os previamente por barco ou navio.

Em condições definitivamente precárias, mas com muita força de vontade e forte propensão e estímulo ao estudo da natureza, o naturalista percorreu, repetimos, talvez mais que três quartos da parte ocupada e colonizada da Província de Santa Catarina à sua época. Várias vezes deslocou-se a pé de Blumenau para Desterro, capital da província. Quando residiu em Desterro, percorreu grande parte da Ilha de Santa Catarina a pé; também a região próxima, no continente<sup>34</sup>.

Fritz Müller foi de Blumenau a Armação da Piedade – no atual município de Governador Celso Ramos – algumas vezes, via litoral e via interior, neste caso, passando por Brusque e Nova Trento, e descendo pelo vale onde hoje fica o Santuário de Santa Paulina. Viajou duas vezes aos campos de Curitibanos, no Planalto, e, também, a São Bento (do Sul), no planalto Norte. Várias são as viagens menores num raio de até 50 km da Colônia Blumenau – como, até a localidade de Ilse, em Indaial e Ascurra, em 1868, até os sambaquis de Luiz Alves, vale do Rio do Teste (Pomerode), e outros destinos (BACCA, 2022). Uma de suas últimas viagens a pé foi até próximo à localidade de Santa Maria, acima de Benedito Novo, aos 73 anos e meio (deduzimos que em novembro de 1895 a partir de MÖLLER, 2022).

Por ocasião dos 200 anos de nascimento de Fritz Müller, instigado inicialmente pelo Instituto Histórico de Blumenau (IHB), criou-se, em Florianópolis, o Grupo Fritz Müller –

---

<sup>34</sup> Comunicação pessoal de Marcelo Nascimento, biógrafo de Fritz Müller, em 26 de novembro de 2021.



Charles Darwin / Desterro, 200 anos, que teve o grande mérito de difundir, com eficácia, a memória de Fritz Müller em todo o estado de Santa Catarina – e mesmo fora das divisas estaduais.<sup>35</sup>

Dentre as inúmeras iniciativas, por sugestão de Ildeu de Castro Moreira, então presidente da SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência –, passou-se a pensar na implantação, em Santa Catarina, dos “Caminhos de Fritz Müller”. Ildeu apontou o exemplo dos “Caminhos de Charles Darwin”, no Rio de Janeiro, implantado em 2009, por ocasião

dos 200 anos de nascimento deste gigante da Ciência mundial, nos locais por onde ele passou em 1832, quando permaneceu cerca de dois meses nesse Estado<sup>36</sup>.

O Brasil, finalmente, está despertando para o grande potencial das trilhas de longo percurso a serem percorridas a pé – a exemplo de inúmeros países que já as implantaram. Alguns, como a Alemanha, dispõem de milhares de quilômetros para essa prática cultural e esportiva.

A Rede Brasileira de Trilhas foi instituída pela Portaria Conjunta nº 407, de 19 de outubro de 2018, envolvendo o Ministério do Meio Ambiente e o Ministério do Turismo. Em 19 de setembro de 2020 foi criada a Associação Rede Brasileira de Trilhas de Longo Curso – Rede Trilhas, a qual, entre 25 e 29 de maio de 2022, realizou em Goiânia o primeiro Congresso Brasileiro de Trilhas.

Em Santa Catarina a Portaria IMA nº 160/2022, publicada no Diário Oficial do Estado em 29 de julho de 2022, criou a comissão Técnica para coordenar e acompanhar o processo de regulamentação da sinalização da rede Brasileira de Trilhas no Estado, cujos “caminhos” são um de seus modelos mais atrativos.



Fig. 7: Logotipo do Ciclo de Comemorações “Fritz Müller 200 anos”

---

<sup>35</sup> Informações disponíveis no site: <https://fritzmuller200anos.com.br/>

<sup>36</sup> TV ESCOLA/Salto para o futuro, 2009.

## **Considerações finais<sup>37</sup>**

Os “Caminhos de Fritz Müller”, seguramente, têm um enorme potencial enquanto identidade com a Ciência, História, Geografia, Cultura e Meio Ambiente do Estado de Santa Catarina – além de sua relevância científica nacional e internacional. Tudo leva a crer que eles podem se tornar uma exitosa realidade turística que, no Brasil, só Santa Catarina terá – integrando e agregando litoral com o interior, englobando a maior parte da vertente atlântica do Estado e, ainda, pequenas partes do planalto (BACCA, 2022 – Fig. 8 e Fig. 9), contemplando, ainda, algumas esplendorosas paisagens ao longo do trajeto.

Quem conhece a biografia de Fritz Müller certamente concordará que o potencial de sucesso de público nacional e internacional estará plenamente assegurado nos “Caminhos de Fritz Müller” a médio e longo prazo. Se bem implantado, com criatividade, ousadia, rigor técnico e de comunicação social e marketing, poderá equiparar-se – ou, no mínimo, chegar perto – em termos de atratividade de público, sem exagero, aos atuais famosos “Caminhos de Santiago de Compostela” na Europa.

Os componentes da “marca Fritz Müller” em Santa Catarina não precisam ser inventados, já são realidade na sua impressionante vida e obra. Basta serem devidamente implementados, constituindo-se os “Caminhos” um dos seus principais carros-chefes – com um ativo potencial de 10 milhões de dólares anuais para o Estado de Santa Catarina<sup>38</sup>.

A belíssima localidade de Santa Isabel, bem como outras áreas do município de Águas Mornas – juntamente com São Bonifácio, Rancho Queimado e Santo Amaro da Imperatriz, no Vale do rio Cubatão, e partes das cabeceiras do rio Tijucas – formam parte importante de um dos mais impressionantes “Caminhos de Fritz Müller”.

A parte do traçado percorrido por Fritz Müller em 1868 está bem registrada e descrita, facilitando a implantação dos “Caminhos de Fritz Müller” que, em grande parte, coincide com a “Rota dos Tropeiros” na região.

Que se tornem realidade também em Santa Isabel e nos municípios de Águas Mornas, Rancho Queimado e São Bonifácio, assim que possível, os “Caminhos de Fritz Müller”. Será uma justa e perene homenagem à memória deste tão grande quanto humilde naturalista que percorreu quase toda a Província de Santa Catarina a pé.

---

<sup>37</sup> Agradecimentos: A Toni Jochem e Jonas Bruch, pelo honroso convite, paciência na revisão, auxílio na formatação e sábias sugestões; ao Instituto Histórico de Blumenau do qual sou membro, pela iniciativa de evidenciar os 200 anos de nascimento de Fritz Müller e incitar meu retorno à vida de Fritz Müller depois de muitos anos; ao Grupo Fritz Müller/Charles Darwin Desterro 200 anos, pelo grandioso e profícuo trabalho de resgatar a memória de Fritz Müller em Florianópolis e região e por me estimular no mergulho (ainda parcial) nos “Caminhos de Fritz Müller”; à Selma Rutzen pela cessão da tradução do diário da Viagem de Fritz Müller, tradução esta, no que tange à Colônia Santa Isabel, aqui publicada em Português pela primeira vez; a Luis Funez por resolver dúvidas botânicas; à Êdela Tereza Bacca, pela eterna paciência, apoio, revisões e sugestões.

<sup>38</sup> Dr. Mário Steindel, informação pessoal em 13.09.2022.

Fritz Müller faleceu em Blumenau após três semanas de enfermidade, em 21 de maio de 1897, onde residiu a maior parte de sua vida e onde está sepultado, junto da família, no cemitério da Comunidade Evangélica Luterana, localizado no Centro da cidade.

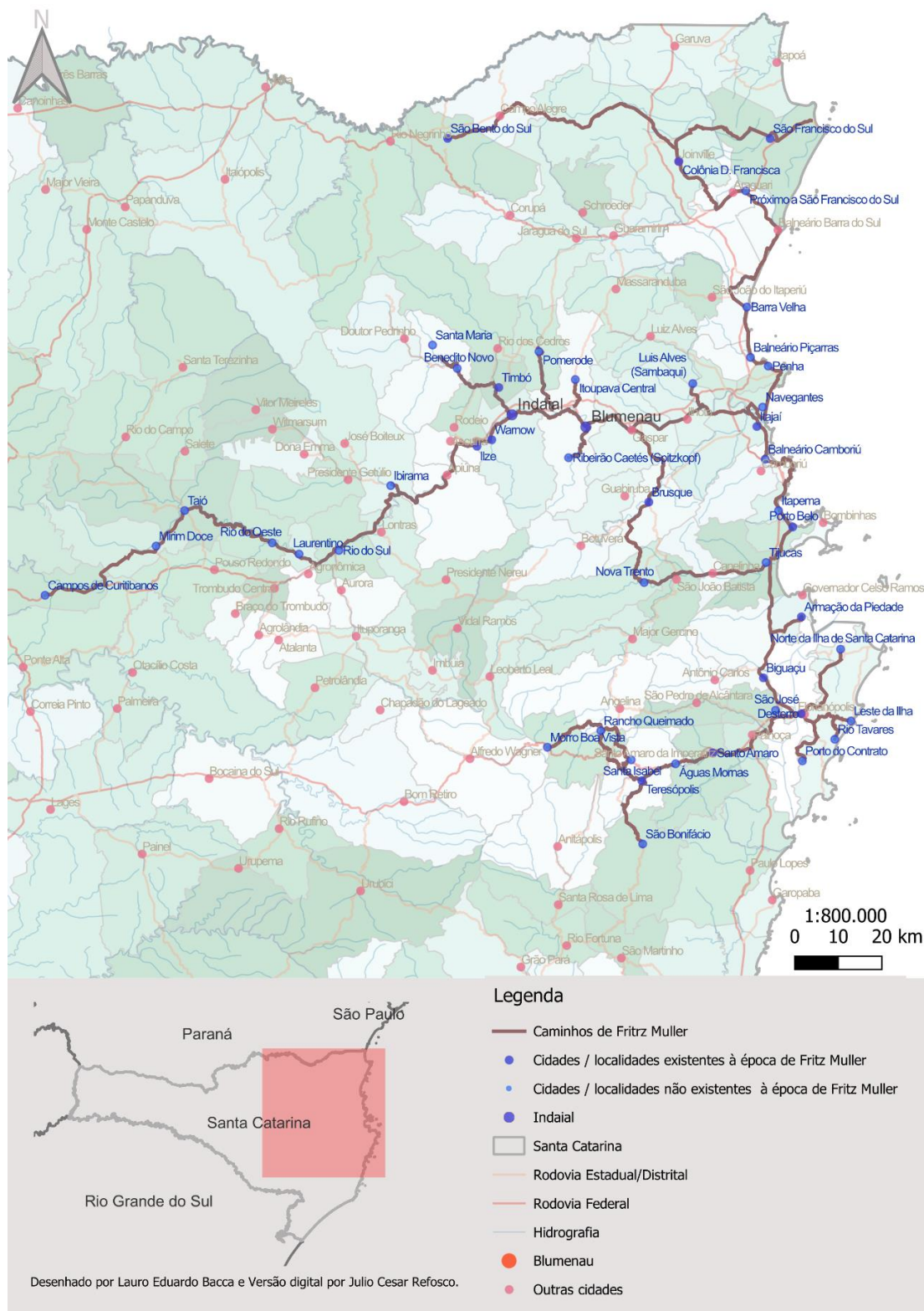


Fig. 8: Mapa em construção dos caminhos percorridos por Fritz Müller a pé, atingindo a maior parte do que então se conhecia do atual Estado de Santa Catarina na segunda metade do século XIX. Pesquisa e desenho original de Lauro Eduardo Bacca. Versão digital, gentileza do Eng. Ftal. Julio Cesar Refosco.



Fig. 9: Ampliação do mapa da figura anterior destacando região de Santa Isabel nos Caminhos de Fritz Müller. Desenho original Lauro Eduardo Bacca, versão digital gentileza de Julio Refosco. Observar que o naturalista passou por Santa Isabel na ida, e desceu pelo vale do rio Miguel na volta.

## Referências

BACCA, Lauro Eduardo. **Ciência com os pés no chão: os caminhos de Fritz Müller**. in: Fritz Müller 200 anos [livro eletrônico]: legado que ultrapassa fronteiras / [organização Mário Steindel, Maria da Glória Weisheimer, Marcondes Marchetti]. – 2. ed. – Florianópolis/SC: Mário Steindel, 2022.

FONTES, Luiz Roberto. **O livro de Fritz Müller e a comprovação da teoria da Evolução**. In: FRITZ MÜLLER 200 ANOS: LEGADO QUE ULTRAPASSA FRONTEIRAS organização: Mário Steindel, Maria da Glória Weisheimer e Marcondes Marchetti. 2. Ed. Florianópolis/SC: Mário Steindel, 2022a.

FONTES, Luiz Roberto. **Apresentação à Segunda Edição**. In: MÜLLER, Fritz, 1822-1897. Para Darwin. Trad. do alemão (1864) por Luiz Roberto Fontes e Stefano Hagen – 3 ed. rev. ampl. – Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 2022b.

**FRITZ MÜLLER 200 ANOS: LEGADO QUE ULTRAPASSA FRONTEIRAS**. [livro eletrônico] organização: Mário Steindel, Maria da Glória Weisheimer e Marcondes Marchetti. 2. Ed. Florianópolis/SC: Mário Steindel, 2022.

HAECKEL, Ernst. Fritz Müller-Desterro. Necrológio de Ernst Heinrich Phillip August Haeckel 1897. In: MÜLLER, Fritz, 1822-1897. **Para Darwin**. Trad. do alemão (1864) por Luiz Roberto Fontes e Stefano Hagen – 3 ed. rev. ampl. – Florianópolis: Editora da UFSC, 2022.

MÖLLER, Alfred. Excerto de tradução ainda não oficializada de “Relatos de excursões pelo sul do Brasil”, obtido de: **Fritz Müller. Werke, Briefe und Leben**. Vol 2 Briefe. Jena: Gustav Fischer, 1915.

MÜLLER, Fritz, 1822-1897. **Para Darwin**. Trad. do alemão (1864) por Luiz Roberto Fontes, Stefano Hagen – 3 ed. rev. ampl. – Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 2022.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. **Glória sem rumor**. Blumenau: Museu Fritz Müller/Fundação Casa Dr. Blumenau, 1979.

SILVA, José Ferreira da. **Entre a Enxada e o microscópio: o colono Fritz Müller**. Opúsculo impresso com o teor da conferência pronunciada na Reunião da Academia Catarinense de Letras em Blumenau, 17 de maio de 1971. S/l, S/e, 1971.

STEINER, Carlos Eduardo. **Famílias pioneiras na Colônia Teresópolis (1860 – 1865)**. Campinas/SP: ed. do autor, 2019.

WEST, David. **Fritz Müller, a naturalist in Brazil**. Blacksburg: Pocahontas Press, 2003.

## **Webgrafia**

DER EVANGELISCHE HEIDENBOTE. **Monatsblatt der Evangelischen Missionsgesellschaft in Basel [10], 1867**. Disponível em: [https://www.google.com.br/books/edition/Der\\_Evangelische\\_Heidenbote/mj5CAAAAcAAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=Der+evangelische+Heidenbote+Jahrgang+1867&pg=PP1&printsec=frontcover](https://www.google.com.br/books/edition/Der_Evangelische_Heidenbote/mj5CAAAAcAAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=Der+evangelische+Heidenbote+Jahrgang+1867&pg=PP1&printsec=frontcover) Acesso em: 29 mar. 2023.

ROOTSMAGIC ESSENTIALS. **Descendants of Friedrich Wilhelm August Müller**. Disponível em: [www.RootsMagic.com](http://www.RootsMagic.com) p. 1/11. Acesso em: 21 mar. 2022.

TV ESCOLA/ Sal para o futuro. Edição Especial, **Caminhos de Darwin**. Ano 2019, boletim 16, novembro/2009. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br> Acesso em: 29 abr. 2023.

UFSC, notícias da. **Desterro Fritz Müller Darwin 200 Anos**. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br> Acesso em: 24 mar. 2023.

## **Como citar este artigo**

BACCA, Lauro Eduardo. **A Colônia Santa Isabel visitada por Fritz Müller, um dos maiores naturalistas mundiais do século XIX**. Páginas da Colonização: Estudos/subsídios históricos sobre a Colônia Alemã Santa Isabel – 175 anos de Fundação, 2023. Disponível em: <http://tonijochem.com.br/artigos-paginas-da-colonizacao/>.